

## **RELATÓRIO EXPLICATIVO DA RENTABILIDADE DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES DO MUNICÍPIO DE COLINAS DO TOCANTINS DO ANO DE 2020**

Atendendo à solicitação do Tribunal de Contas do Estado do Tocantins (TCE-TO), o INSTITUTO DE PREVIDENCIA DOS SERVIDORES DO MUNICIPIO DE COLINAS DO TOCANTINS (IPASMU-CO) solicitou a esta consultoria um relatório com as principais causas que motivaram o desempenho negativo da carteira de investimentos do Instituto no ano de 2020.

O presente relatório está dividido da seguinte forma. Será apresentado um resumo de cada mês do ano 2020 com os principais eventos econômicos e seus impactos nos investimentos. Em seguida, ficará claro por meio da ilustração dos dados referentes ao fechamento da carteira do Instituto para o referido ano que Colinas, apesar de todas as dificuldades, conseguiu crescer o patrimônio ao longo do ano.

### **PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DE 2020 E SEUS IMPACTOS NOS INVESTIMENTOS**

#### **Janeiro**

O ano começou com perspectivas favoráveis da concretização do acordo comercial entre EUA e China e da melhora potencial de indicadores econômicos de ambos os países. A tensão entre EUA e Irã aumentou após ataque americano que matou um general iraniano, também, a epidemia do Coronavírus na China com relatos de surgimento da doença em outros países pelo globo, assim como, a aproximação das primeiras convenções estaduais relativas à eleição norte-americana de 2020 pressionaram o prêmio de risco, porém, ainda assim ocorreu deslocamento para baixo das curvas de juros globais com seus consequentes aumentos de preços. Em janeiro houve reunião do Fed, banco central norte americano, que justificou a manutenção da taxa básica de juros com os bons números da atividade econômica e do mercado de trabalho, o qual não enxergava como necessária a redução da taxa de juros como meio de estimular o setor produtivo. Indicadores de atividade econômica do Reino Unido corroboraram desaceleração da atividade produtiva, com retração de 0,3% de novembro ante outubro. Ainda no Reino Unido, no último dia do mês foi dado andamento ao Brexit, processo de saída do Reino Unido da União Europeia, e com isso, terá prazo de apenas 11 meses para fechar acordos comerciais.

No Brasil, ainda em recesso parlamentar, as novidades se concentraram nos dados de atividade econômica e inflação. Após meses de atividade forte, setembro e outubro, indicadores de novembro e dezembro de 2019 frustraram parte das expectativas e sugeriram continuidade da lenta recuperação da atividade produtiva. Por outro lado, indicadores do mercado de trabalho e crédito seguiram indicando

recuperação contínua. Com relação aos preços, a antecipação do choque de preços de proteínas e sua dissipação em velocidade acima do esperado fez com que as expectativas expressas no relatório FOCUS fossem revisadas para baixo, com projeções ligeiramente inferiores à meta de inflação para o ano. Em entrevista, o presidente do Banco Central disse entender que o aumento de preços, causado majoritariamente pela carne, está se dissipando e não há perspectiva de que continue pressionando o IPCA para cima.

## **Fevereiro**

Fevereiro foi marcado pelos desdobramentos relacionados ao coronavírus, COVID-19. Os mercados iniciaram o mês acompanhando o ritmo das medidas de contenção implementadas pela China. Com o impacto, até então restrito ao gigante asiático, o coronavírus era visto como um acionador de um choque de oferta mundial por meio da deterioração de cadeias globais de comércio. Contudo, com o aparecimento de focos de contágio em outras regiões, a capacidade de contenção do vírus foi colocada em xeque e a probabilidade de uma pandemia a nível global aumentou. Com o aumento das incertezas relacionadas ao ciclo de expansão econômica, os mercados apresentaram movimentos extremos, típicos de momento de crise. Nos EUA, um assunto que ficou em segundo plano, mas que merece atenção, é o desenrolar das eleições presidenciais. Bernie Sanders assumiu o favoritismo nas primárias Democratas, junto com Joe Biden, candidato mais moderado e preferido pelas lideranças do partido. Dada a magnitude dos movimentos nos mercados globais, os assuntos domésticos brasileiros ficaram em segundo plano.

De maneira semelhante aos demais pares emergentes, os ativos brasileiros apresentaram resultados bastante negativos ao longo do mês. Do ponto de vista político, o poder executivo continuou demonstrando baixa capacidade de articulação, de modo que o avanço das reformas continuou dependente das lideranças do legislativo. Com relação à atividade econômica brasileira, os dados continuaram apontando para uma recuperação lenta com inflação baixa. De modo geral, a política monetária frouxa, a concessão de crédito privado em cenário de baixa alavancagem, o avanço de reformas micro e macro e a redução gradual da ociosidade dos fatores de produção, sugerem continuidade da recuperação da economia sem pressões inflacionárias.

## **Março**

O mês de março apresentou uma deterioração significativa do quadro econômico global. A rápida disseminação do novo coronavírus nos países ocidentais culminou na adoção de medidas de contenção generalizadas para evitar o colapso dos sistemas de saúde. A dura restrição da movimentação de pessoas implicaria em uma queda acentuada da atividade econômica mundial com duração e intensidade altamente incertas. Nesse cenário, já fragilizado pela perspectiva de queda na demanda agregada, a discordância entre os principais produtores de petróleo do mundo quanto à redução da sua oferta derrubou o preço da commodity e introduziu

um fator de risco adicional. Esses fatores levaram a um expressivo aumento de volatilidade nos ativos de risco e quedas com velocidade sem precedentes e de magnitude comparáveis às maiores crises já vistas. Por outro lado, também em magnitude e velocidade inéditas, governos e Bancos Centrais ao redor do mundo adotaram uma série de medidas de política monetária e fiscal com o objetivo de amortecer a queda da atividade, afrouxar condições financeiras e preservar o funcionamento adequado dos mercados. Nesse contexto, o Federal Reserve utilizou uma série de ferramentas, reduziu taxa de juros para zero e implementou programas de compras de ativos. O Congresso americano, por sua vez, aprovou um pacote de 2 trilhões de dólares entre estímulos para empresas e famílias. As lideranças das demais economias seguiram na mesma direção e ao longo do mês os juros ao redor do mundo foram para seus menores patamares, assim como diversos pacotes fiscais de magnitude inédita foram anunciados.

No Brasil, o foco também se voltou para a pandemia e seus impactos. De maneira semelhante à grande maioria dos ativos de risco pelo mundo, os ativos brasileiros apresentaram desempenhos bastante negativos ao longo de março. Apesar dos ruídos políticos e na mesma direção das demais economias, medidas monetárias e fiscais têm sido adotadas para contrabalancear o impacto econômico das políticas de isolamento social. O Copom reduziu a taxa Selic em mais 50 pontos-base. No âmbito fiscal, um pacote totalizando aproximadamente 4,5% do PIB tem sido discutido. O panorama das contas públicas brasileiras certamente piorará por conta da queda na arrecadação e da necessidade de gastos extraordinários. Por enquanto, os sinais vindos do Congresso apontam na direção da prudência fiscal de modo que, após esse inevitável aumento no nível atual da dívida pública, a trajetória de queda da dívida seria retomada.

## **Abril**

Os mercados ao redor do mundo apresentaram movimentos de recuperação ao longo de abril. Estes movimentos se sustentaram por conta da inflexão nas curvas de contágio e início do relaxamento das medidas de contenção em diversos países; evoluções no desenvolvimento de tratamentos e vacinas para o Covid-19 e contínuo suporte por parte dos formadores de política nas principais economias globais. No outro extremo, por conta da queda abrupta da demanda no curto prazo e do esgotamento da capacidade de estocagem, o preço do petróleo seguiu em queda, chegando a valores negativos nos contratos americanos de vencimentos curtos. Os dados econômicos começaram a refletir os impactos da pandemia, indicando quedas extremas no curto prazo.

Os Bancos Centrais dos países emergentes seguiram reduzindo suas taxas de juros e dando liquidez aos mercados de títulos públicos e de câmbio locais. O mercado seguiu cauteloso por considerar que a atual situação só terá um desfecho definitivo com uma vacina, um tratamento altamente efetivo que evite hospitalização ou imunidade adquirida por grande parte da população. Dessa forma, sem enxergar

alguma dessas alternativas no curto prazo, permaneceram grandes dúvidas no que tange à extensão dos impactos econômicos da pandemia e medidas de contenção, a duração dessas medidas, bem como a estratégia para a retomada da movimentação das pessoas, necessária para o aquecimento da atividade econômica.

Em relação aos mercados brasileiros, os desdobramentos políticos ao longo do mês e a progressão local da pandemia resultaram em desempenhos inferiores em relação aos pares. O então Ministro da Saúde, que defendia um maior isolamento social, foi substituído. Já no final do mês, deflagrando a maior crise política do governo atual, o popular Ministro da Justiça e Segurança Pública pediu demissão, alegando interferência na nomeação da chefia da Polícia Federal pela Presidência, o que alimentou discussões sobre a possibilidade de um impeachment. Mesmo sem qualquer deslize fiscal adicional, o panorama das contas públicas brasileiras certamente sofrerá uma piora por conta da queda na arrecadação e da necessidade de gastos extraordinários. O nível de endividamento do país deverá sofrer significativa elevação. A inflação corrente baixa e um ambiente global no qual as políticas monetárias são extremamente expansionistas possibilitam margem para o Banco Central cortar juros.

## **Maio**

Os mercados ao redor do mundo continuaram movimentos de recuperação ao longo de maio. Dentre os fatores que contribuíram para a melhora destacam-se o início do processo de reabertura das economias em diversos países na Europa e Ásia e em alguns estados americanos, sem um aumento significativo de novos casos de Covid-19 até aquele momento; o contínuo suporte por parte dos formadores de política econômica das principais economias; o progresso no desenvolvimento de vacinas e tratamentos para o Covid-19. Após quedas nas pesquisas de confiança e atividade no mês passado, a piora foi vista também nos dados reais da economia. Nos EUA, por exemplo, houve quedas significativas na produção industrial e vendas no varejo, enquanto os pedidos de auxílio desemprego seguiram em um patamar elevado. Por outro lado, os estímulos fiscais adotados contrabalancearam a queda na renda das famílias, minimizando o impacto da paralização da atividade econômica, pelo menos no curto prazo. Nesse sentido, novos estímulos de grandes proporções continuaram a ser anunciados nas principais economias.

Em relação aos mercados brasileiros, a performance dos ativos foi positiva e em linha com os pares emergentes. No mês, o Copom reduziu a taxa Selic em 75 pontos base e indicou a possibilidade de queda de mesma magnitude na próxima reunião devido à fraca atividade econômica e à inflação persistentemente abaixo da meta. Quanto à pandemia, os dados oficiais continuaram em tendência de piora ao longo do mês na ausência de uma estratégia uniforme por parte do governo e com a saída do segundo ministro da saúde desde o início da pandemia. No aspecto político, a esperada aproximação entre o executivo e os partidos de centro manteve, até o momento, um alinhamento com as políticas defendidas pelo ministro da economia,

que continua sendo apontado como o responsável pelas decisões econômicas do governo. Devido à queda na arrecadação decorrente das restrições à atividade econômica e da necessidade de gastos extraordinários, o panorama para as contas públicas brasileiras sofreu uma piora, com significativa elevação do nível de endividamento do país. Assim, considerando os fatores de risco internos citados, os desenvolvimentos políticos e econômicos mereceram atenção especial.

## **Junho**

Os mercados ao redor do mundo apresentaram ganhos mais moderados em junho. O principal fator por trás desse movimento foi um aumento relevante de novos casos de Covid-19 em diversos estados americanos que não aplicaram medidas de distanciamento social ou relaxaram antes de conter a curva de contágio da doença. Positivamente, os estados que foram mais afetados na primeira onda permanecem com baixas taxas de contágio. Nos demais blocos econômicos, os focos de doença que surgiram foram isolados e controlados rapidamente pelas autoridades locais, o que aumenta a expectativa de que possíveis novas ondas sejam controladas com medidas de restrição à mobilidade menos extremas e conseqüentemente com menor custo em termos de atividade econômica. Assim, o processo de reabertura das economias continuou trazendo melhora nos dados de atividade, ainda que em níveis muito abaixo dos observados antes da pandemia. Mesmo com sinais de retomada na atividade, os formadores de política seguem ativos pelo mundo. As principais autoridades monetárias do planeta seguiram com planos de novos estímulos caso sejam necessários. O Federal Reserve indicou que as taxas de juros permanecerão inalteradas até 2022.

Em relação aos mercados brasileiros, a performance dos ativos foi positiva e em linha com os pares emergentes. No mês, o Copom reduziu a taxa Selic em 75 pontos base e informou que eventual novo ajuste seria residual, indicando fim do ciclo. Quanto à pandemia, os dados em algumas das principais capitais do país apontam para inflexões nas curvas de contágio e reduções na utilização de suas capacidades hospitalares. No aspecto político, o processo de aproximação entre o executivo e o legislativo continuou. Partidos tradicionais conseguiram ter maior participação no governo. Por outro lado, a queda na arrecadação decorrente das restrições à atividade econômica e da adoção de gastos extraordinários, o panorama para as contas públicas brasileiras sofreu piora significativa.

## **Julho**

Os mercados ao redor do mundo continuaram movimentos de apreciação ao longo de julho, que foi marcado por uma queda significativa do dólar contra outras moedas de países desenvolvidos, em especial o euro. Os ativos de risco seguiram com robusto suporte monetário e fiscal nas principais economias. O número de novos casos de Covid-19 nos Estados Unidos seguiu em ritmo de piora nas primeiras semanas do mês, superando as máximas observadas em março e abril. Foi visto um aumento de novos casos de Covid-19, com destaque para a Austrália e Espanha, o

que demanda acompanhamento e ressalta a dificuldade da volta à normalidade sem que uma solução definitiva seja encontrada. As principais autoridades monetárias seguiram atentas aos desdobramentos econômicos da pandemia e continuaram afirmando a possibilidade de novos estímulos caso fossem necessários. Com isso, as taxas de juros dos países desenvolvidos permaneceram em patamares baixos e com volatilidade reduzida, o que tende a aumentar o apetite ao risco por parte dos investidores em busca de maiores retornos. Com relação a estímulos fiscais, o Congresso Americano estava em processo de negociação de um novo pacote e há indicações que esse será suficiente para manter a renda das famílias nos próximos meses, enquanto o novo fundo de estabilização da União Europeia foi aprovado. Em relação aos mercados brasileiros, a performance dos ativos foi positiva. Sobre a atividade local, dados ligados ao comércio surpreenderam positivamente, enquanto o setor de serviços ainda apresentou fraqueza. A inflação continuou baixa por conta da pandemia, o que possibilita a continuidade dos cortes da Selic por parte do Copom. As autoridades deram continuidade ao processo de normalização da atividade em algumas das principais cidades brasileiras. No aspecto político, após um período de intensa movimentação para amenizar os danos causados pela pandemia e a aprovação de pacotes emergenciais, o foco das discussões passou para a agenda de reformas. O governo apresentou uma parte de sua proposta de reforma tributária ao Congresso, incluindo a unificação dos impostos do PIS e COFINS em uma contribuição sobre bens e serviços com alíquota única.

## **Agosto**

Os mercados globais ampliaram movimentos de alta ao longo de agosto com uma distinção na performance de ativos de países desenvolvidos e emergentes. A forte apreciação dos mercados acionários e das moedas dos países desenvolvidos contrastou com movimentos mais modestos dos emergentes. A evolução da pandemia, o desenvolvimento dos tratamentos, a recuperação da atividade global e a continuação dos estímulos fiscais e monetários seguiram como os principais determinantes dos mercados. Quanto à evolução da pandemia, após uma aceleração ao longo de várias semanas, o número de novos casos de Covid-19 nos Estados Unidos fez o pico ainda no mês de julho e apresentou melhora significativa ao longo de agosto. Quanto aos tratamentos, as notícias continuaram em tom positivo. Em relação aos estímulos econômicos, o destaque foi a conclusão da revisão da estratégia de política monetária do Fed, que passou a ser mais flexível nas metas de inflação, permitindo inflação média mais próxima de 2% ao longo de um período não especificado. O pacote de estímulos inicialmente aprovado nos EUA de mais de um trilhão de dólares se mostrou insuficiente. Desde então republicanos e democratas discutem um novo pacote de estímulos, mas a estagnação do processo de negociação deste novo pacote no congresso americano vem se mostrando um importante fator de risco para a recuperação da atividade econômica norte americana.

A performance dos ativos brasileiros em agosto foi pior do que a de pares e a volatilidade foi dominada por desdobramentos políticos locais. No mês, o Copom

reduziu a taxa Selic em 25 pontos percentuais e indicou uma propensão maior a encerrar o ciclo de afrouxamento monetário. No aspecto político, após o mês de julho sinalizar que as reformas haviam ganhado tração, o foco da discussão política voltou a ser o aumento de gastos, que juntamente com ruídos políticos relacionados ao reajuste de funcionários públicos e à saída de membros da equipe econômica, o mercado voltou a se questionar sobre a permanência e a força de Paulo Guedes no governo.

## **Setembro**

Em setembro, os mercados ao redor do mundo tiveram performances ruins. O aumento de casos de Covid-19 na Europa, a estagnação das negociações do novo pacote fiscal americano e incertezas relacionadas à eleição americana contribuíram para o desempenho negativo dos ativos de risco. Houve grande expectativa sobre os resultados da fase 3 das principais vacinas em teste que devem ser divulgados nas próximas semanas. Em relação a estímulos fiscais, o congresso americano não avançou nas negociações para um novo pacote, reduzindo significativamente a probabilidade de aprovação antes da eleição. Em relação às eleições norte americanas, o candidato democrata seguiu como favorito. O Federal Reserve, banco central dos EUA, em comunicado, indicou que não elevará a taxa de juros até que seja atingido o pleno emprego e que a inflação tenha atingido 2% e esteja a caminho de rodar acima deste patamar.

Em relação aos mercados brasileiros, a performance dos ativos foi especialmente negativa, em um ambiente de alta volatilidade por conta de desdobramentos políticos locais. O foco da discussão continuou sendo o aumento de gastos, com a incorporação do auxílio emergencial na ampliação de um programa permanente de assistência social (Renda Brasil ou Renda Cidadã). Alternativas que respeitariam o teto de gastos, mas descaracterizariam o seu papel enquanto âncora para os gastos públicos foram mal recebidas pelo mercado. Em relação à inflação, as altas dos alimentos geraram debates sobre a possibilidade de uma aceleração, mas o hiato da atividade sem precedentes continua apontando para uma inflação em crescimento no curto-prazo, porém moderada à frente. Levando diversos aspectos em consideração, o Copom manteve a taxa Selic estável em 2.0% a.a., reconheceu que a inflação deve se elevar no curto prazo, mas minimizou possíveis efeitos altistas para o longo-prazo. Dessa forma, não descartou totalmente a possibilidade de eventual novo corte, mas deixou claro que a probabilidade é baixa.

## **Outubro**

A ampliação do número de novos casos de coronavírus na Europa e o aprofundamento das medidas de distanciamento social na região trouxeram temor ao mercado global. Os novos casos na Europa superaram os números registrados durante a primeira onda da pandemia. Por conta disso os ativos globais tiveram desempenho negativo em outubro. Novos estímulos à economia têm sido discutidos nos EUA e Europa. No velho continente, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou em

sua última reunião que fará ajustes no programa de compra de títulos. O pacote de auxílio fiscal norte americano não avançou. A falta de consenso entre Republicanos e Democratas impossibilitou a sua aprovação. Os Democratas defenderam um pacote mais amplo, já os Republicanos defenderam um pacote mais enxuto.

Com relação ao Brasil, as expectativas de inflação para este ano aumentaram substancialmente nos últimos meses devido aos efeitos mais persistentes da desvalorização cambial, aumento de preço de commodities e normalização da atividade, com rápida retomada da demanda e razoável descompasso de oferta causado pelos programas de transferência de renda. Tensões políticas e temor relacionados a maiores gastos do governo com a deterioração das contas públicas preocuparam o mercado. A possibilidade de estender o estado de calamidade pública até os primeiros meses de 2021 preocupou sobremaneira os mercados. Entendendo que o ambiente econômico prescreve política monetária estimulativa e considerando aceleração inflacionária somente no curto-prazo, o Comitê de Política Monetária (COPOM) manteve a taxa básica de juros estável em 2% a.a. O Banco Central manteve o forward guidance de manutenção da taxa básica de juros em patamares mais baixos a menos em casos de surpresas negativas no âmbito fiscal.

## **Novembro**

Os mercados globais apresentaram movimentos históricos de apreciação no mês impulsionados principalmente pelos resultados dos testes de algumas das principais vacinas em desenvolvimento e pelo resultado das eleições americanas. Desdobramentos negativos quanto à situação atual da pandemia e dados econômicos marginalmente mais fracos em diversos países foram colocados em segundo plano e não atrapalharam o desempenho dos ativos de risco. Quanto à eleição, foi confirmada a vitória do candidato Democrata Joe Biden para a Presidência dos EUA. Com isso, espera-se maior previsibilidade na política externa americana. As primeiras indicações para os principais cargos da nova administração, como a da ex-presidente do FED Janet Yellen para o Tesouro, são sinais positivos de moderação do presidente eleito. Quanto à situação atual da pandemia, os novos casos seguiram em trajetória de alta nos Estados Unidos durante boa parte do mês, o que fez com que diversos estados adotassem mais medidas pontuais de contenção.

Na Europa, após a adoção de medidas relativamente rígidas de restrição à mobilidade, o número de novos casos de Covid-19 apresentou desaceleração, possibilitando o início do relaxamento em países como a França e a Inglaterra.

No Brasil, os mercados também tiveram ganhos relevantes, em linha com o cenário global. Um dos principais assuntos continuou sendo o comportamento da inflação, que novamente surpreendeu o mercado. No cenário político, o resultado do segundo turno das eleições municipais apontou para uma vitória dos partidos de centro. Com a passagem do evento, a discussão política deverá migrar para a agenda pós-pandemia, com o congresso retomando pautas que foram postas em segundo plano, como, por exemplo, a PEC Emergencial. Apesar da pressão política e dos ruídos



na comunicação, a piora nos casos de coronavírus não parece ser suficiente para causar a prorrogação dos benefícios emergenciais de acordo com as indicações mais recentes do Executivo. Dessa forma, aumenta-se a probabilidade do cumprimento do Teto de Gastos nos próximos anos.

## **Dezembro**

Em dezembro, os mercados ao redor do mundo seguiram com movimentos de alta expressivos, impulsionados pela: aprovação e início da distribuição de vacinas em alguns países; aprovação de um novo pacote fiscal nos Estados Unidos e finalização das negociações relacionadas ao Brexit. A respeito das vacinas, a surpresa positiva foi a autorização de algumas para uso emergencial em países como os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e União Europeia. Nos Estados Unidos, o Congresso aprovou um novo pacote de estímulo fiscal, incluindo uma nova rodada de cheques de US\$600.

Na Europa, diversos países haviam começado a relaxar restrições adotadas recentemente, mas a descoberta de uma nova variante mais transmissível do vírus no Reino Unido fez com que o país retornasse ao lockdown e diversos países fechassem suas fronteiras. Na China, em contraste com o mundo ocidental, a pandemia continua sob controle e o país não sofreu com uma segunda onda da doença. Dessa forma, a atividade econômica tem se recuperado de maneira bastante rápida.

No Brasil, os mercados também tiveram movimentos de alta relevantes, em linha com o cenário global. Nos mercados locais, a sinalização mais enfática pelo presidente contra a extensão do auxílio emergencial e o arrefecimento nos dados de inflação foram os principais desdobramentos. O Copom manteve a taxa SELIC em 2.0% a.a. e, em comunicado, reforçou o diagnóstico de que as pressões inflacionárias de curto-prazo são temporárias. Além disso, com as expectativas de inflação em torno da meta no ano de 2022, o órgão sinalizou que as condições para a manutenção do seu forward guidance podem não ser satisfeitas em breve. No cenário político, o foco segue nas articulações em torno da eleição da presidência da Câmara e espera-se que as discussões em torno da agenda de reformas sejam retomadas após a eleição.

## **FECHAMENTO DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS – ANO 2020**

O Instituto de Colinas iniciou o ano de 2020, segundo relatório, com um Patrimônio Líquido de R\$ 84.066.455,71 e encerrou o referido ano com R\$ 91.920.658,85, isto é, R\$ 7.854.203,14 (9,34%) a mais. O incremento do patrimônio se deu pelo rendimento dos investimentos no montante de R\$ 3.908.565,71 e R\$ 3.945.637,43 título de repasses.

Como pode ser observado, apesar da dificuldade extrema imposta pelo cenário econômico no que se refere à pandemia da Covid-19, como descrito acima, o Instituto de Colinas apresentou variação positiva de patrimônio, fruto de retorno dos investimentos e novos repasses.

Sobre os investimentos, a rentabilidade da carteira foi positiva em 4,62%. Em termos mensais, Colinas superou a meta atuarial nos meses de abril, maio, junho, julho, novembro e dezembro, e ficou abaixo nos meses de janeiro, fevereiro, março, agosto, setembro e outubro de 2020.

## **CONCLUSÃO**

O ano de 2020 foi um ano complicado em todos os segmentos. Foi o ano em que a pandemia do coronavírus teve início. Por ser um evento único e com impacto global, o mundo ficou em pânico. O fechamento dos países provocou impactos econômicos negativos de magnitude jamais vistas e, por consequência, os investimentos também sofreram.

Não obstante toda a dificuldade enfrentada, o Instituto de Colinas obteve rentabilidade positiva de 4,62% em sua carteira de investimentos e conseguiu, juntamente com os repasses, elevar seu patrimônio em R\$ R\$ 7.854.203,14, um crescimento de 9,34% no ano.

Assim, concluímos este relatório ressaltando que a gestão do Instituto em observância às melhores práticas de mercado, conseguiu, mesmo em um momento muito difícil, concluir o ano de 2020 com um incremento de patrimônio.

Este texto é fundamentado nas melhores práticas de mercado, focando na transparência, segurança, liquidez e rentabilidade dos investimentos. Ele está alinhado com as diretrizes dadas pela Resolução CVM 19/2021, Resolução CMN 4.963/2021, Portaria MTP 1.467/2022 e Política de Investimentos 2022.

**Elaborado por:** Me. Mário Fernando de Sousa – Consultor de Valores Mobiliários e Analista CNPI-P nº 2266

**Corrigido por:** Dannielle Porto – Consultora CVM

Goiânia, 16 de agosto de 2022



**CONFIANÇA CONSULTORIA EM INVESTIMENTOS LTDA**  
CNPJ: 19.389.406/0001-36

**SETE CAPITAL CONSULTORIA LTDA.**  
CNPJ: 14.057.808/0001-10